

Ponte luso-brasileira para o cinema de autor

Faya Netto/Divulgação

Filmado em Lisboa por Tiago R. Santos, 'Última Noite' une talentos do Brasil e de Portugal numa trama que discute a violência contra a mulher

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

B atia uns 13 graus nos termômetros de Lisboa, sob um vento contínuo, quando "Última Noite" abriu seu set para uma vista do Correio da Manhã, compartilhando um clima de mistério digno de "Ascensor para o Cadafalso" (1958). A referência ao cult de Louis Malle (1932-1995) vem da elegância visual impressa num diálogo com as cartilhas do thriller e, sobretudo, da assinatura autoral de seu realizador, Tiago R. Santos.

Outrora crítico, consagrado no cinema português por seu histórico como roteirista (vide o sucesso "Call Girl", de 2007), o diretor de "Revolta" (2022) traz uma refinada cinefilia consigo ao construir uma história de acerto de contas que flagra a violência contra as mulheres. Malles é sempre uma alusão que se faz notar por quem mergulha em seus escritos ou em suas imagens.

"Este filme está cheio de referências cinematográficas, de 'Paris, Texas' a John Cassavetes, mas põe um espelho diante de Lisboa, para mostrar à cidade o que ela está a se tornar. Um reflexo retorcido expõe seu ridículo, a partir de uma Lisboa noturna, cosmopolita," explicou Tiago, que operou numa equação luso-brasileira de coprodução, envolvendo uma das mais respeitadas usinas de (boa) dramaturgia da Europa, a Fado Filmes, e a



A portuguesa Sara Tavares e o americano Sebastiano Pigazzi protagonizam o longa do realizador português

inteligência sul-americana da FM Produções, do carioca Fernando Muniz.

Preparando-se para lançar "Filhos do Mangue", que rendeu à cineasta Eliane Caffé o troféu Kikito de Melhor Direção em Gramado, em 2024, Muniz traz em seu currículo uma apoteose da diva espanhola Carmen Maura. Ela foi estrela de "Veneza" (2019), rodado por Miguel Falabella no Uruguai, que integra seu histórico de projetos como produtor. Participou ainda do único documentário nacional que conquistou o prêmio

L'Oeil d'Or do Festival de Cannes: "Cinema Novo", de Eryk Rocha, lançado em 2016.

"Muito feliz por ter terminado as filmagens de meu primeiro longa em Portugal, em coprodução com a prestigiosa Fado Filmes de Lisboa", diz Muniz, hoje radicado em Setúbal, a 40 minutos da capital lusa, onde toca múltiplos projetos. "A FM está negociando conteúdos brasileiros para canais portugueses. Acabo de fechar 'Filhos Do Mangue' e estou mandando uma lista com 10 outros títulos para avaliação".

O trabalho de Muniz sela um casamento de talentos artísticos e cálculos financeiros precisos que refina a relevância estética (e geopolítica) das coproduções internacionais. No set visitado pelo Correio, um casarão, ele tinha o olhar atento para cada detalhe de uma trama que ambiciona os festivais do Velho Mundo com suas reflexões sobre identidade e pertencimento.

"Solidão é o espaço entre aquilo que somos e a forma como as pessoas nos enxergam", dizia Tiago. "De certa forma, há perso-